

BULLYING AND THE BANALIZATION OF EVIL: AN ANALYSIS OF TEENAGERS SPEECH
BULLYING E A BANALIZAÇÃO DO MAL: UMA ANÁLISE DE DISCURSOS DE ADOLESCENTES
ACOSO Y BANALIZACIÓN DEL MAL: UN ANÁLISIS DEL DISCURSO DE LOS ADOLESCENTES

karine de Souza Santos¹  <https://orcid.org/0000-0003-3144-9831>

Raquel Martins Fernandes¹  <https://orcid.org/0000-0002-0317-5389>

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, Brasil

karine de Souza Santos - karine.santos@ifmt.edu.br | Raquel Martins Fernandes - raquel.fernandes@ifmt.edu.br



Autor correspondente

karine de Souza Santos

Rua 15A

78300.000 – Tangará da Serra – Brasil

karine.santos@ifmt.edu.br

RECEBIDO: 08th July, 2022

ACEITE: 27th September, 2022

RESUMO

Introdução: Este trabalho é resultado das pesquisas, produções e ações do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC), do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) acerca do fenômeno do bullying escolar com vista ao empoderamento. O bullying caracteriza-se por ser uma violência sistemática em que há desigualdade de poder, portanto, nem toda a violência na escola é bullying, mas todo o bullying é uma violência e causa sofrimento nos envolvidos.

Objetivos: Descrever e identificar discursos emancipatórios como também opressores acerca do combate ao bullying.

Métodos: A abordagem qualitativa foi a adotada para este estudo e para a coleta de dados foi realizada a aplicação online de um questionário com perguntas de resposta não estruturada e estruturada. Neste estudo foi realizada a análise das respostas de 42 adolescentes de 15 a 18 anos, sendo 23 alunos do sexo feminino e 19 alunos do sexo masculino, obtidas em uma instituição de ensino da rede federal e discutida, especificamente, a seguinte pergunta: Tem uma sugestão para acabar com o bullying? A análise dos dados recolhidos foi interpretada através da Análise de Discurso Crítica (ADC) fundamentada teoricamente pelo conceito de banalidade do mal de Hanna Arendt.

Resultados: Foram encontradas nas respostas dos estudantes falas que traduzem os discursos simbólicos no ambiente escolar, respostas que indicaram uma visão crítica/emancipatória sobre o combate ao bullying, bem como a perpetuação de discursos de violência e opressão das vítimas e também dos agressores.

Conclusões: Foi possível vislumbrar possibilidades de interpretação dos discursos dos estudantes acerca do combate ao bullying e estas podem corroborar para ações que visem protagonismo jovem como forma de contextualizar a temática da violência escolar de forma crítica e assim possibilitar formas de mitigação deste fenômeno.

Palavras-chave: bullying; análise de discurso crítica (adc); violência; banalidade do mal; ensino

ABSTRACT

Introduction: This work is the result of research, productions and actions by the Research Group Humanities and Contemporary Society (GPHSC), from the Federal Institute of Mato Grosso (IFMT) on the phenomenon of school bullying with a view to empowerment. Bullying is characterized by being a systematic violence in which there is inequality of power, therefore, not all violence at school is bullying, but all bullying is violence and causes suffering to those involved.

Objectives: To describe and identify emancipatory as well as oppressive discourses about the fight against bullying.

Methods: The qualitative approach was adopted for this study and for data collection, an online questionnaire was applied with unstructured and structured answer questions. In this study, we analysed the responses of 42 adolescents aged 15 to 18 years, 23 female students and 19 male students, obtained in a teaching institution of the federal network and discussed, specifically, the following question: Is there a suggestion to stop bullying? The analysis of the collected data was interpreted through Critical Discourse Analysis (CDA) theoretically based on Hanna Arendt's concept of banality of evil.

Results: It was found in the students' answers, speeches that translate the symbolic discourses in the school environment, answers that indicated a critical/emancipatory view on combating bullying, as well as the perpetuation of discourses of violence and oppression of victims and aggressors.

Conclusions: It was possible to envision possibilities for interpreting students' discourses about combating bullying and these can corroborate actions aimed at youth leadership as a way to critically contextualize the issue of school violence and thus enable ways to mitigate this phenomenon.

Keywords: bullying; critical discourse analysis (cda); violence; banality of evil; teaching

RESUMEN

Introducción: Este trabajo es el resultado de investigaciones, producciones y acciones del Grupo de Investigación Humanidades y Sociedad Contemporánea (GPHSC), del Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) sobre el fenómeno del acoso escolar con miras al empoderamiento. El bullying se caracteriza por ser una violencia sistemática en la que existe desigualdad de poder, por lo tanto, no toda violencia en la escuela es bullying, pero todo bullying es violencia y causa sufrimiento a los involucrados.

Objetivos: Describir e identificar discursos tanto emancipatorios como opresivos sobre la lucha contra el bullying.

Métodos: Para este estudio se adoptó el enfoque cualitativo y para la recolección de datos se aplicó un cuestionario en línea con preguntas de respuesta estructurada y no estructurada. En este estudio, analizamos las respuestas de 42 adolescentes de 15 a 18 años, 23 estudiantes del sexo femenino y 19 del sexo masculino, obtenidas en una institución de enseñanza de la red federal y discutimos, específicamente, la siguiente pregunta: ¿Hay alguna sugerencia para detener el bullying? ? El análisis de los datos recolectados fue interpretado a través del Análisis Crítico del Discurso (ACD) basado teóricamente en el concepto de banalidad del mal de Hanna Arendt.

Resultados: Se encontró en las respuestas de los estudiantes, discursos que traducen los discursos simbólicos en el ambiente escolar, respuestas que indicaron una mirada crítica/emancipadora sobre el combate al bullying, así como la perpetuación de discursos de violencia y opresión de víctimas y agresores.

Conclusiones: Fue posible vislumbrar posibilidades de interpretación de los discursos de los estudiantes sobre el combate al bullying y estos pueden corroborar acciones dirigidas al liderazgo juvenil como forma de contextualizar críticamente el tema de la violencia escolar y posibilitar así formas de mitigar este fenómeno.

Palabras Clave: bullying; análisis crítico del discurso (acd); violencia; banalidad del mal; enseñando

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado das produções do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC), do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). O grupo tem se preocupado em estudar o fenômeno do bullying desde agosto de 2016 e os estudos realizados promovem reflexões e ações interdisciplinares para o combate do bullying escolar. O GPHSC é registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) desde 2010 sob a pesquisa “Violação dos Direitos Humanos e Bullying no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos estudantes”, que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o CAAE: 60165016.0.0000.5165/ Número do Parecer: 2.110.377. Com vista ao empoderamento, o GPHSC realizou pesquisas em escolas públicas e privadas dos Estados de Mato Grosso e Minas Gerais para identificar como acontece, como é entendido e como é combatido o bullying entre os alunos das escolas de ensino fundamental e médio pesquisadas.

De forma atual, o empoderamento refere-se ao processo de transformação do indivíduo em protagonista da sua vida e isso exige o desenvolvimento do sentido crítico e autoconhecimento (Martins, 2013), ou seja, a emancipação do indivíduo é produzida por intermédio de ações que o transformam em protagonista das suas atitudes e responsabilidades, para isso, é importante, como já foi dito, uma consciência não só de si, como também das situações de segregação, injustiça, violências e desigualdades sociais do seu contexto (Harari, 2018).

Posto isto, a pesquisa tem o “objetivo de identificar discursos emancipados como também opressores acerca do bullying” (Santos et al, 2021, p. 03) e foi organizada metodologicamente como pesquisa qualitativa, sendo usada a Análise de Discurso Crítica (ADC), de Fairclough (2010), como método para análise e interpretação dos dados. No ensejo de entender como os participantes percebem o fenômeno do bullying, foi realizado questionário on-line aos estudantes adolescentes de um Instituto Federal de Educação e este excerto procurou analisar as respostas da seguinte de uma pergunta aberta do questionário: Tem uma sugestão para acabar com o bullying?

Os discursos dos participantes apontam “respostas que sugerem uma visão crítica sobre a ocorrência do bullying em seu cotidiano, mas também com respostas reprodutoras de violência e opressão das vítimas e também dos agressores” (Santos et al., 2021, p. 03). As respostas que apontam um discurso de violência indicam maneiras de combater o bullying através de punições, corroborando com o velho ditado de “combater violência com violência” perpetuando condições de banalização da violência na sociedade. A Análise de Discurso proposta por Fairclough (2010) objetiva “refletir sobre a mudança social contemporânea, sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social” (Resende & Ramalho, 2017, p. 35).

Nesse sentido, utilizou-se como aporte teórico as contribuições sobre a banalidade do mal, de Hannah Arendt (1983), para compreender a dinâmica da perpetuação da violência como um ato de despolitização do Homem.

1.1 Caracterização do Bullying

A escola é um espaço de discursos que traduzem as ideologias sociais, culturais e históricas. E neste estudo trabalha-se com ideologias que perpassam o uso da violência como forma de repressão de pensamento e comportamentos visando o empoderamento dos indivíduos (Paoliello & Fernandes, 2020).

Existem vários tipos de manifestação de violência na escola, dentro da sala de aula o professor e o estudante possuem as suas subjetividades, uma síntese particular e individual que se constitui e desenvolve conforme as experiências da vida social e cultura (Bock et al., 2018). No cotidiano da escola, fazendo atividades não tão prazerosas, com um clima institucional nem tanto democrático, algumas ideias podem divergir produzindo relacionamentos difíceis, o que não caracteriza um problema, mas é um terreno fértil para geração de conflitos. Uma das formas de violência na escola é o bullying e este precisa ser conceptualizado pois, nem toda manifestação de violência produzida na escola pode ser chamada de bullying, este possui características próprias que o classificam e “nem toda violência é considerada bullying, porém todo bullying é uma forma de violência” (Silva, 2019, p.17).

O Bullying foi inicialmente investigado por Olweus, na Noruega, em 1993, depois do suicídio de 3 adolescentes que sofriam de forma sistemática este tipo de violência. No sentido de que o termo bullying não seja mais uma forma de violência banalizada, faz-se necessário entender como se caracteriza e se manifesta. No Brasil, a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, formaliza o tema bullying como um:

ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”, ou entendido como “intimidação sistemática. (Brasil, 2015, p. 2)

A mesma lei caracteriza 6 tipos de bullying: Físico, agressão, ferimento, empurrar; Verbal, colocar apelidos e insultar; Psicológico/Moral, intimidação, ameaça, perseguição, segregação, humilhação, caluniar, discriminação e exclusão; Material, destruição ou roubo de pertences pessoais; Virtual, utilizar a internet para difamar, insultar, discriminar e ofender; Sexual, abusar e assediar (Brasil, 2015).

A característica principal do bullying é que pode ser identificado em situações de violência que acontecem de forma sistemática e principalmente por ser um ato de violência em que há desequilíbrio de poder, este “conjunto de comportamentos agressivos é

caracterizado por sua natureza repetitiva, sem motivação evidente e por desequilíbrio de poder. Normalmente a vítima possui menos força física, tem estatura menor, está em minoria, e possui pouca flexibilidade psicológica perante o bullying” (Santos, 2019, p. 16).

Os comportamentos de bullying deixam marcas nas suas vítimas e sob o discurso de ser “só uma brincadeira” muitos jovens são submetidos ao desprezo, a humilhações e sofrimento. Essas marcas ocasionam problemas no desenvolvimento emocional ao longo da vida da vítima, que precisa de um olhar acolhedor para ressignificar essas dores e ter melhor qualidade de vida. Todo e qualquer bullying não é “brincadeira”, todos somos sujeitos dignos de atenção e respeito (Silva, 2019). O bullying sob o viés de ser “somente uma brincadeira”, esconde a naturalização da violência na escola perpetuando o mal como algo banal e que faz parte do cotidiano dos seres humanos, exigindo sermos resilientes para lidar com essas situações.

1.2 A Banalidade do mal

Na obra de Eichmann em Jerusalém (1983) de Hanna Arendt é encontrado o conceito de banalidade do mal, no entanto não há uma teoria filosófica deste conceito e sim uma “formulação do problema do mal” (Souki, 1998, p. 12) e como a mesma influencia na subjetividade dos indivíduos em regimes totalitários, bem como no cenário social e político da atualidade. Para Arendt, o mal tem base epistemológica em Kant, este considera que o mal não é algo inerente ao Homem, não compõe a natureza humana, se fosse assim seríamos essencialmente mal. Arendt não descreve acerca da visão ontológica do termo e foca-se em entender as contingências em que o sujeito pratica o mal. (Souki, 1998).

Para entender as contingências em que o mal surge, é importante compreender a concepção de liberdade para Arendt. Ela descreve que a liberdade “está na autonomia da vontade” (Souki, 1998, p. 44), ou seja, o indivíduo tem o potencial de começar novas possibilidades e novas propostas diante dos obstáculos diários, “a liberdade se refere à capacidade humana de iniciar, já que o Homem em si mesmo é o começo” (Souki, 1998, p. 44). Quando se refere a liberdade, trazemos em mente também o “conflito do bem e o mal moral” (Souki, 1998, p. 44-45). Arendt relata que a manifestação dos dois (bem e mal) existe no cotidiano, no entanto, para se combater o mal é necessário o exercício de refletir de forma sistemática sobre si mesmo em um determinado cenário social, cultural e econômico, ponderando as próprias singularidades e as dos outros, a isso ela nomeia como o aparecimento do juízo, “capacidade que julga particularidades sem subsumi-las a regras gerais” (Souki, 1998, p.10). A liberdade de pensar, bem como o desdobramento de um juízo para resistir ao mal faltam na sociedade contemporânea, devido à busca hegemônica e ideológica pelo poder, um totalitarismo velado com o objetivo de “anulação da individualidade e da espontaneidade, de forma que seja eliminada a capacidade humana de iniciar algo novo com seus próprios recursos” (Souki, 1998, p. 12), um movimento de “coisificação” do sujeito.

Neste sentido, atualmente se vivencia, como em tempos de Hanna Arendt, a banalização do mal. “O uso do banal não pode ser confundido com o estar acostumado a conviver com a violência, mas sim, pelo facto do mal estar intrínseco em contingências históricas. A banalidade seria uma forma de perceber a realidade de forma superficial” (Santos et al., 2021 p.6), com o objetivo de omitir a verdadeira desordem: o Homem sem personalidade, “coisificado”. A banalidade do mal é instalada por encontrar um cenário do não pensar e não se refere ao desejo do mal. No julgamento de Eichmann, Hanna Arendt não encontrou um homem perverso e raivoso e sim um sujeito que obedeceu as ordens e que foi incapaz de pensar no que estava a fazer, focando somente em cumprir o que era determinado. O sujeito que torna-se incapaz de pensar criticamente acerca de si e do seu contexto político e social, não percebe o mal que reproduz quotidianamente, magoa-se com o mal que lhe ataca e como forma de responder a isso ataca com mais violência, criando um movimento de responder à violência com violência (Souki, 1998).

O mal foi estudado por Arendt porque, para entendê-lo, precisamos pensar no conceito de liberdade como elemento de transformação na nossa sociedade. Dito isto, é importante salientar que a ação que vise o protagonismo, precisa ser também emancipatória. O conceito etimológico de emancipação aponta uma visão ambígua do termo pois, “emancipar é tornar livre, libertar ou libertar-se, tornar ou tornar-se independente, dar liberdade ou libertar-se do jugo, da escravidão, da tutela de outro ou do pátrio poder” (Ciavatta, 2014, p. 13), representando um conceito legal do termo, como por exemplo, a lei que instituiu o fim da escravidão no país, legalmente os negros foram libertados, no entanto, não houve garantia de direitos para serem protagonistas das suas histórias. Os processos emancipatórios são antes de tudo a compreensão dos fatores históricos e sociais que influenciam as manifestações subjetivas do indivíduo, bem como as relações na sociedade, portanto, emancipação seja ela coletiva ou individual refere-se à obtenção da liberdade e da autonomia através do desenvolvimento de uma consciência crítica das relações de poder promotora do desenvolvimento de sujeitos sociais (Ciavatta, 2014).

Fomentar o protagonismo jovem para a reflexão sobre as situações de bullying dentro de um sistema de garantia de direitos é uma ação promotora da autonomia do pensamento e da consciência política.

1. MÉTODOS

A pesquisa é qualitativa e objetivou analisar os discursos emancipados e também opressores sobre o bullying, com vista a promover novas interpretações e ações que compreendam e combatam esse tipo de violência na escola. A pesquisa é qualitativa, porque se dispõe a investigar o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço que não pode ser reduzido à operacionalização das variáveis” (Minayo, 2012, p. 21-22). Utilizar a abordagem qualitativa

permite observar os indivíduos nos seus cenários relacionais de forma espontânea e assim entender a forma como as relações naturalmente se manifestam e possibilita também descrever acerca do que é relevante para os indivíduos, como pensam sobre suas atitudes e as dos outros (Mota, 2017).

1.1 Amostra

A pesquisa foi realizada em novembro de 2019 com estudantes do ensino secundário de um Instituto Federal de Educação de Mato Grosso, através de questionário disponibilizado pelo google forms. Responderam ao questionário: análise das respostas de 42 adolescentes de 15 a 18 anos, sendo 23 alunos do sexo feminino e 19 alunos do sexo masculino, sendo todos moradores da residência estudantil.

1.2 Instrumentos e procedimento de recolha de dados

Para a recolha de dados foi criado um questionário com perguntas de resposta estruturada e não estruturada, aplicado de por meio do uso do google forms no mês de novembro de 2019, ou seja, foi respondido de forma online, no entanto, só após a devida aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo responsável do estudante.

O questionário era composto de 18 questões, sendo 7 de resposta estruturada e 11 de resposta não estruturada. Até à pergunta 8 são questionados dados sociais, económicos e culturais dos participantes, após são realizadas perguntas que versam sobre o que o estudante entende por bullying, bem como que situações de bullying vivencia no dia a dia, questionando sobre se já foi vítima ou foi quem provocou o bullying, desta forma, os estudantes responderam ainda sobre: Tem uma sugestão para acabar com o bullying?

O uso do questionário em pesquisa qualitativa fornece o entendimento das percepções dos participantes sobre a sua realidade, “o objetivo do questionário qualitativo é ouvir e compreender o que os entrevistados pensam e dar a eles a voz pública” (Mota, 2017, p. 20).

1.3 Procedimento de análise dos dados

Os dados recolhidos foram analisados através da Análise de Discurso Crítica (ADC), que foi conceptualizada por Norman Fairclough (2010) e fundamenta-se na representação da linguagem como instrumento essencial do quotidiano que se articula com elementos sociais (Resende & Ramalho, 2017).

A ADC é um método utilizado na pesquisa social e é também uma corrente teórica. Preocupa-se com a análise de discursos do cotidiano e oportuniza o pesquisador a refletir sobre os problemas sociais e, principalmente, questionar a existência de pessoas que vivem em situação de inóxia, enquanto outras em contexto de abundância. Assim, o pesquisador crítico carrega a missão de se preocupar com um trabalho de investigação que possa contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas que se encontram em situação de desigualdade social. (Mota, 2017, p. 27)

Inicialmente, na ADC, procura-se no discurso falas sobre injustiça social, para depois identificar os problemas, despertando reflexões sobre maneiras de emancipação através da contestação da realidade social sob a ótica do senso crítico (Mota, 2017). Para estudiosos do discurso, a visão funcional do uso da linguagem reflete as interações sociais e as estruturas que mantêm ou contestam as hegemonias. Assim, a ADC é transdisciplinar rompe com barreiras epistemológicas, unindo teorias em volta da análise dos discursos sociais (Resende & Ramalho, 2017).

Posto isso, a operacionalização da ADC proposta por Fairclough (2010) acontece através de estágios, o primeiro passo para análise crítica é o processo de identificar um tema a ser pesquisado onde se articulem e/ou apareçam problemas sociais que se relacionam com a política nacional e factos globais.

O segundo estágio é identificar como as ações sociais estão organizadas e como estas estruturas evidenciam discrepâncias de poder. Para tal, é necessário proceder com alguns passos:

O primeiro passo consiste em analisar as relações dialéticas entre semiose e outros elementos: ordens de discurso e outros elementos da prática social, bem como textos e outros elementos dos eventos. O segundo passo versa em selecionar textos, focalizar e categorizar para a análise deles à luz da constituição do objeto de pesquisa apropriado. O terceiro implica desenvolver a análise de textos de forma interdiscursiva e semiótica/linguística. (Mota, 2017, p. 24)

O terceiro estágio, após realizada a reflexão de como as desigualdades de poder estão naturalizadas nos discursos e práticas sociais, é a etapa de inferir sobre o verdadeiro interesse em não resolver o problema. O quarto estágio é o reconhecimento de discursos que apontam uma visão crítica e superação dos obstáculos elencados no estágio 2.

Os problemas sociais cotidianos são preocupações fundamentais do pesquisador, este reflete sobre as mazelas do dia a dia, contextualizando situações de desigualdade social, econômica e cultural de nossa realidade, por isso, o foco na melhora da qualidade de vida das pessoas em situação de vulnerabilidade é uma missão do pesquisador, que, de forma multidisciplinar, valoriza os diversos olhares sobre o mesmo problema. (Santos et. al., 2021, p. 5)

A organização da análise dos resultados dos dados recolhidos na pesquisa propôs-se a refletir acerca das mudanças ocorridas na sociedade, influenciadas pela globalização, visando refletir sobre as maneiras de produção de um discurso emancipado que quebre paradigmas social e historicamente cristalizados. (Resende & Ramalho, 2017).

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resposta à pergunta “Tem uma sugestão para acabar com o bullying?” foi identificado que entre os adolescentes participantes a punição e os atos de violência são a solução para lidar com o bullying e, por este facto, questiona-se que problemas sociais traduzem os discursos de violência? (Santos et al., 2021).

Das 49 respostas, 17 descreviam um discurso de ódio, sendo que 32 demonstravam um novo olhar para o combate ao bullying baseado na busca de uma solução coletiva para o problema.

2.1 A violência como algo natural

Esse subtítulo versa sobre discursos que remetem para a naturalização do bullying no espaço escolar. O seguinte discurso “*acho que isso é de criação de cada um, não há uma receita para acabar com as ofensas e humilhações*”, representa uma postura de passividade em relação ao fenómeno do bullying, apontando que não existe uma maneira de combater o bullying na escola, porque é uma atitude individual, que se apropria desde criança. Outro entrevistado respondeu: “*As pessoas recebem ensinamentos desde o início sobre o certo e o errado*”.

As duas visões acerca do fato de “combater o bullying” apresentam um discurso pautado na naturalização da violência como algo intrínseco ao homem e suas relações sociais. O homem convive com cenas de violência desde muito tempo, mas essa convivência não deve ser algo afável aos olhos, a postura de indignação sempre há de existir. (Santos et al., 2021, p. 05)

Quando não há diálogo a violência surge (Abramovay, 2006). As opiniões são divergentes em alguns casos, no entanto, uma não tem mais razão que a outra, porque cada uma é carregada de percepções da realidade de forma diferente. Para Hanna Arendt, o diálogo é uma ação política, uma manifestação de alteridade e um comportamento assertivo diante do desafio, assim, cada indivíduo tem o seu direito de liberdade para desenvolver novas potencialidades (Souki, 1998).

Foi identificado nos discursos dos participantes uma projeção das ideologias atuais. Num cenário neoliberal há a busca da realização de sonhos particulares em desfavor dos coletivos, isso decorre da disseminação de um discurso naturalizado acerca da violência, promovendo a aceitação e a submissão, obtendo o controlo e reproduzindo injustiças sociais. Entende-se aqui neste estudo o conceito de neoliberalismo aquele que descreve que o “progresso e o desenvolvimento só são possíveis através da competitividade (...) que vai fazer com que as pessoas lutem, trabalhem, se esforcem para conseguir melhorar seu bem-estar, sua qualidade de vida, sua ascensão econômica” (Guareschi, 2011). O neoliberalismo estimula a competitividade entre os indivíduos e promove assim a exclusão, a segregação e a submissão do outro. O processo de naturalizar a violência é oriundo das relações neoliberais que fazem permanecer assimetrias de poder e quando essa reflexão é trazida para o contexto do bullying, essas violências na sua maioria apresentam-se como incivilidades: brincadeira sem graça, a exclusão de um colega de uma classe social vulnerável dos trabalhos em grupo, piadas, ofensas (Silva, 2019).

Não se refere a uma violência física, mas sim violência que se apresenta de forma velada e repetitiva da intolerância ao diferente, “e na ideologia neoliberal é algo que não pode ser combatido, o que é diferente permanecerá sendo repudiado, busca-se a homogeneidade de um povo que sempre vai ser heterogêneo, criando um terreno fértil a continuidade de atos de violência” (Santos et al., 2021, p. 06).

Discursos ressoam o mal inculcado, naturalizam a violência e perpetua-se o discurso de ódio. O combate do mal com o mal é a ponta do iceberg de uma estrutura social que cria a necessidade de controle para a manutenção da ordem e poder, produzindo assim uma ir(realidade) de uma violência como fatalidade da vida, em que nada pode ser feito, a não ser reproduzir o ódio. (Santos et al., 2021, p. 06)

As respostas “*Quem te zoar, bate até sair sangue do nariz, assim será zoad*”, “*Extermínio*”, “*Pena de morte*”, representam um discurso de reprodução da violência dentro do espaço escolar e com um olhar arendtiano frases como estas causam sensibilização em relação às experiências de bullying e/ou violação de direitos sofridos por estudantes que, mergulhados na concepção de mal como algo banal, reproduzem a mesma violência que os cerca.

2.2 O vazio do pensar e a construção de indivíduos heterónomos

A heteronomia surge quando o indivíduo atende e também necessita sem nenhum senso crítico de validação de discursos oriundos de fora para tomar decisões na sua vida e projeta no outro a responsabilidade de tomar decisões, bem como arcar com as consequências destas, nas palavras de Souki (1998, p. 05) de “determinar-se a si mesmo”.

Nas respostas dos participantes foram encontrados discursos que versam sobre a heteronomia, “*Isso depende da sociedade*” e “*Não faço ideia*”. Uma resposta indica que o combate ao bullying é função da sociedade (e quem compõe a sociedade? todos

nós) e a outra retrata o não saber como agir para combater o bullying. Mesmo não indicando nenhuma ideia para trabalhar o bullying na sua escola, o discurso representa ideologias de poder com base no não desenvolvimento de um senso crítico acerca do tema pesquisado, indica que o desenvolvimento de um indivíduo heterónimo é resultado de uma conjuntura social que precisa do controlo para manter o poder e isso produz um sujeito com vazio de pensamento.

Ao proteger os indivíduos contra os perigos da investigação, ensina-os a aderir rapidamente a tudo o que as regras de conduta passam a prescrever em determinada época para uma determinada sociedade – essa ausência induz ao conformismo. Essas são as contingências que obrigam o homem a não pensar e, ao mesmo tempo, a se submeter. (Souki, 1998, p. 123)

O vazio do pensamento produz a “coisificação” do sujeito, transformando-o numa massa atomizada e amorfa com ausência da consciência da sua realidade e problemas reais atrás dos acontecimentos quotidianos.

A escola como lugar institucionalizado e permeado de ideologias de poder, em pequenas manifestações perpetua essas ideologias, como por exemplo, na resposta do participante: “*As nossas escolas se preocupam muito com vestimentas ao invés de se ligarem nas relações sociais entre os alunos*”.

Essa resposta demonstra um exemplo de pequena ação cotidiana de opressão dos estudantes, a escola se preocupa com a vigilância das vestes e não com as interações. A adolescência é uma fase de descoberta da própria identidade, um broche na camiseta do uniforme demonstra uma personalidade, e essa necessidade de ser diferente do comum faz parte do processo identitário. Portanto, no discurso, encontramos a necessidade de homogeneizar o estudante como forma de controle, como também o desvio de problemas mais estruturais (potencialização do diálogo para convivência social) para elementos desnecessários no momento (Santos et al., 2021, p. 07).

Quando o indivíduo tem um pensar heterónimo, desvincula-se de qualquer responsabilidade no combate ao bullying, sendo algo externo ao sujeito, no entanto, o fenómeno do bullying apresenta-se de forma multifacetada e necessita de um olhar coletivo para a sua resolução, onde todos são responsáveis para o combate ao bullying.

“*Minha sugestão teria que ter mais conversas com discentes para que amenize a situação*”. “*Penalidades, cobranças, cuidados e mais atenção de todos, talvez colocando monitores em sala para supervisionar*”. Neste discurso encontra-se o vazio de pensamento, de acordo com os dizeres arendtianos. No dia a dia da escola surgem conflitos o tempo todo, atribuir a responsabilidade de controlar qualquer desentendimento para monitores não estimula a própria capacidade do adolescente em solucionar conflitos e cria-se um indivíduo heterónimo. O isentar-se da responsabilidade é um movimento particular do indivíduo que não surge do nada, mas de discursos quotidianos que não estimulam a autonomia, portanto, os discursos aqui apresentados não representam somente as falas dos participantes, mas sim de uma sociedade com os seus objetos de controlo como um todo.

2.3 Construção de discursos emancipatórios

A emancipação do sujeito como fator de promoção e combate ao bullying é encontrada nas respostas dos participantes que propuseram ações coletivas e reflexivas para lidar com o fenómeno do bullying, uma das respostas emancipatórias foi: “*Realização de palestras que promovam mais aproximação do público discente com estes temas, bem como a externalidade destas questões em debates abertos a questionamentos. Também a criação de um grupo de apoio que passou por este tipo de problema, com acompanhamento filosófico, sociológico e psicológico*”. A contribuição descreve um discurso emancipatório, com propostas contextualizadas, que apontam que para o bullying ser combatido precisamos de uma ação interdisciplinar e com toda a comunidade escolar, proporcionando espaços de discurso para todos.

Outra resposta refere-se ao entendimento do real problema acerca do bullying: a intolerância ao diferente. “*A conscientização da sociedade como um todo, principalmente das crianças, para que aprendam a lidar com as diferenças de outrem*”. A alteridade é a consciência crítica de que o outro possui uma história de vida diferente de qualquer um e entender que o outro tem limitações, promove canais de comunicação entre os sujeitos, para que caminhos sejam encontrados em busca de uma sociedade mais democrática para todos.

Nma luta de resistência, muitos atores sociais têm se dedicado a estudar os problemas sociais por trás dos discursos, e respostas como estas traduzem esforços de um coletivo que busca contribuir para uma sociedade mais igualitária.

CONCLUSÕES

Assim, este estudo identificou discursos emancipados e também opressores acerca do bullying e tal investigação foi oportunizada metodologicamente através da pesquisa qualitativa, onde se investigou as percepções dos participantes em relação a ações de combate ao bullying traduzindo o seu mundo de significados nas suas respostas. A Análise de Discurso Crítica possibilitou uma reflexão da conjuntura dos problemas sociais e como esses se associam às manifestações de violência. A ADC possibilitou que este estudo ultrapassasse a barreira do discurso como palavras emitidas, para discursos que traduzem histórias de desigualdade social, injustiças e sofrimento.

O conceito de banalidade do mal de Arendt, fundamentou teoricamente este estudo viabilizando a construção de uma análise de discurso crítica acerca dos discursos de ódio diante das propostas de combate ao bullying e promoveu reflexões para fomentar ações emancipatórias através do desenvolvimento de uma consciência crítica das mazelas da sociedade.

Com o estudo foi possível identificar possibilidades de mudança na realidade escolar, estas advindas de ações coletivas e interdisciplinares, pautadas no protagonismo jovem como forma de contextualizar a temática da violência escolar de acordo com a realidade local e assim possibilitar formas da sua mitigação, através da formação de estudantes críticos acerca da sua realidade, viabilizando assim, a leitura das situações de dominação social e despolitização do Homem.

Este tema não se esgota aqui, outras reflexões são necessárias para que todos se mantenham críticos aos acontecimentos quotidianos, numa tentativa de não se afogar no mar de ideologias inculcadas em nós o tempo todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M. (2006). *Cotidiano das escolas: Entre violências*. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação.
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. de L. T. (2018). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia* (15ª ed.). S. Paulo: Saraiva. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5615614/mod_resource/content/1/bock_psicologias.pdf
- Brasil, Presidência da República. Secretaria-Geral, Subchefia para Assuntos Jurídicos (2015, Novembro, 09). Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). *Diário Oficial da União[da República Federativa do Brasil]*, 50 (213), pp. 1-2. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm
- Ciavatta, M. (2014). Emancipação: A historicidade do conceito e a polêmica no processo real da existência humana. *Revista Trabalho Necessário*, 12(18), 74-97. <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8593/6156>
- Fairclough, N. (2010). *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Guareschi, P. A. (2001). Pressupostos psicossociais da exclusão: Competitividade e culpabilização. In B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 52-60). Petrópolis: Vozes.
- Harari, Y. (2018). *21 lições para o século 21*. S. Paulo: Companhia das Letras.
- Martins, C. H. B. (2003). *Trabalhadores na reciclagem do lixo: Dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento* (Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6190>
- Medeiros, A. V. M. (2012). O fenômeno bullying: (In) definições do termo e suas possibilidades (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás). https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/789/o/2012_-_Alexandre_MALMANN_-_Disserta%C3%A7%C3%A3o_FINALIZADA.pdf
- Minayo, M. C. de S. (2012). *Pesquisa social: teoria método e criatividade* (21ª ed.). S. Paulo: Vozes.
- Mota, R. M. F. (2017). *Violação dos direitos humanos e bullying no contexto escolar: Diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos*. Cuiabá: Instituto Federal de Mato Grosso.
- Paoliello, S. R. & Fernandes, R.M. (2020). *Representações discursivas de adolescentes no combate ao bullying*. *Polifonia*, 27 (42), 48-67. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8927>
- Resende, V. de M. & Ramalho, V. (2017). *Análise do Discurso Crítica* (2ª. ed). São Paulo: Contexto.
- Santos, K. D. S., Fernandes, R. M., Grecco, L., Santos, B. P. d., Santos, C. C. R., & Silva, I. C. (2021). A banalização do mal e a representação dos discursos de adolescentes no combate ao bullying. *New Trends in Qualitative Research*, 7, 172-180. <https://doi.org/10.36367/ntqr.7.2021.172-180>
- Silva, V. C. G. (2019). *Violência Escolar, Bullying e Violação de Diretos Humanos no Cotidiano Escolar*. Cuiabá: Instituto Federal de Mato Grosso.
- Souki, N. (1998). *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais.